

# Grotesco ~ UM gótico Épico

por GE Graven



## Capítulo IV



### ***Cidade de Avignon ~ Maio de 1347***

O ar da tarde estava carregado com o cheiro de chuva; o céu a oeste estava escuro.

O Cardeal Lean chegou a Avignon vindo da Inglaterra, entrando com pompa no pátio do Château Mallow em uma carruagem fortemente guardada. A poeira levantava com os passos da comitiva, sendo logo engolida pelas nuvens de poeira que se acumulavam diante da carruagem que se aproximava. Conforme a carruagem se aproximava da entrada, Lean se adiantou, espiou por uma janela e descobriu que alguns membros de sua vanguarda vagavam atordoados.

O capitão da escolta de Lean esporeou seu cavalo para avançar enquanto repreendia seus guardas cambaleantes: “Em posição de sentido! Em pé!” Ninguém obedeceu à sua ordem. O capitão puxou as rédeas do cavalo e agarrou o mais próximo. “Sargento! O que está acontecendo aqui? Explique isso — imediatamente !” Responda-me agora!” O sargento ergueu o olhar atordoadado, como se estivesse desmaiando de embriaguez — seus olhos desfocados, sua boca lutando para formar palavras.

“Chega dessa farsa ridícula!” trovejou o Cardeal. Lean saltou da carruagem, segurando o chapéu de abas largas com a mão enquanto o inclinava contra o vento.

O capitão e três outros guardas da escolta juntaram-se ao Cardeal e à comitiva de Lean, entrando no castelo. No andar de cima, o zumbido constante intensificou-se à medida que se aproximavam do quarto do Cardeal Basiliste. Entraram no quarto e paralisaram. Vários deles gemeram e desviaram o olhar. O Cardeal Lean tirou um lenço do bolso e cobriu o nariz e a boca enquanto um guarda corria para a janela aberta e vomitava.

Diante de Lean, um basilista negro e inchado jazia rígido em sua cama, o rosto coberto por uma massa aderente de vespas amarelas. Os insetos voavam de um lado para o outro pela janela aberta, carregando larvas picadas para longe das cavidades de sua cabeça. O cardeal morto não parecia mais perturbado, jazia rígido e pútrido, seus olhos secando no chão como um par de moedas sujas. Lean olhou pela janela para as copas das árvores distantes que se inclinavam e dançavam ao vento de uma tempestade que se aproximava. Então, voltou sua atenção para o interior quente, estagnado e abafado do quarto, cujo ar imóvel estava impregnado com leves traços de lavanda e excrementos humanos antigos. Vários insetos tamborilando o examinavam, pairando e circulando sua cabeça como uma auréola zumbidora.

Contudo, Lean não era homem de se deter em tais minúcias. Examinou os objetos do aposento com mais atenção, seus olhos pousando na folha de pergaminho sobre a escrivaninha — e deu um passo à frente para uma inspeção mais minuciosa. Lean ergueu o pergaminho com as últimas palavras do Cardeal, dirigidas a ele. Logo depois, o grupo saiu do castelo tão apressadamente quanto entrara. Lean examinou a carta enquanto marchava. “Os Apócrifos! Corram como o vento!” rosou, entrando rapidamente na carruagem. “Montem, imediatamente!” bradou o capitão aos seus guardas, saltando para a sela. Os homens correram para seus cavalos. O capitão esporeou seu animal, levando-o à frente do grupo. A carruagem deu um solavanco e foi catapultada para a frente. Lean desviou o olhar da carta e estremeceu. Com um exército de vinte e quatro soldados em disparada, o Cardeal cavalgou para oeste sobre a Ponte do Rio Ródano, afastando-se de Avignon, em direção aos Apócrifos e a uma monstruosa nuvem de tempestade que engolia o horizonte. A atenção de Lean, contudo, estava absorta em sua grave responsabilidade para com o Concílio dos Apócrifos — e para com o Papa Clemente, que permanecia alheio a todos os assuntos relacionados ao Concílio.

Com os cardeais Xavier e Basilista assassinados, Lean era o último membro sobrevivente do Alto Conselho; tudo o que o Conselho mantivera oculto por quase cinco séculos agora repousava sobre seus ombros. E embora o direito canônico decretasse que o Vigário de Cristo — o papa reinante — era o membro de mais alta patente do Conselho, Lean sabia que poderia ser difícil, senão impossível, abordar Clemente diretamente. Anteriormente, como cardeal, Clemente havia argumentado fervorosamente contra qualquer proposta que, a seu ver, fortalecesse a posição do Concílio dos Apócrifos. Clemente sempre fora...

Lean sentia que o Concílio minava a autoridade do Colégio Cardinalício. Não tinha esperança de que o homem tivesse mudado de opinião depois de se tornar o Papa reinante. Mesmo assim, estava determinado a garantir uma visitação a Clemente, mesmo que pela força, se necessário. E, se chegasse a esse ponto, estava preparado para justificar tal ato de insubordinação fazendo algo inédito na história do Concílio dos Apócrifos: retirando as evidências do arquivo dos Apócrifos e apresentando-as diretamente a Clemente em pessoa.

Lean e Clemente eram opostos em caráter; seus caracteres entravam em conflito. Ambos sabiam disso. Lean era um homem de poucas palavras: modesto, apreensivo e sincero. Clemente era indelicado e impaciente, apreciando o luxo e a vida social; como Pontífice, seu comportamento era mais o de um monarca elegante do que o de um austero mensageiro de Deus. Quando conversavam, eram formais, breves e, em grande parte, sem incidentes. Nos quatro anos desde a ascensão de Clemente ao trono, o Cardeal Basilista abordou o Pontífice repetidamente sobre assuntos relacionados aos Apócrifos. Em todas as ocasiões, seu pedido de audiência foi negado sob a alegação de que outros assuntos mais urgentes exigiam a atenção imediata de Clemente, como a construção de um novo palácio, assuntos de Estado, finanças e impostos. Clemente negligenciou a nomeação de novos membros para o Conselho Superior, mesmo após a morte do Cardeal Basilista, e sua inação causou a decadência do outrora poderoso órgão. Para diminuir, de sua parte quase certamente por negligência deliberada. No entanto, Lean agora tinha pouca escolha, a não ser se impor a Clemente e lembrá-lo de sua responsabilidade para com o antigo Conselho dos Apócrifos.

O Palácio do Concílio fora construído em 1334 por ordem do Papa Bento XII, que, apesar de expressar aspirações de devolver o papado a Roma, removeu todos os registros papais do Vaticano para a nova fortaleza na França. O edifício, semelhante a um túmulo, ficava no vasto e úmido vale do Ródano, cercado em três lados por ravinas íngremes, envoltas em matas secundárias e arbustos espinhosos. A leste, as muralhas de Avignon se erguiam sobre o desfiladeiro do rio, mas a oeste, a grandeza da cidade definhava — juntamente com seu mau cheiro.

Menos de uma hora se passou antes que a carruagem fortemente guardada, ostentando o selo da Igreja de Roma, subisse com dificuldade um caminho íngreme e esburacado, protegido por altos arbustos de árvores perenes. As muralhas de pedra que se erguiam escuras por trás das árvores tinham a mesma tonalidade negra do céu além delas. O céu adensou-se como cinzas flutuantes; os ventos inverteram-se e transformaram-se em gelo. Relâmpagos; trovões — abruptamente, grossas gotas de chuva abriram caminho para chuvas torrenciais. A comitiva de Lean lutava para subir a estreita estrada lamacenta, com vários guardas desmontados e cobertos de lama pressionando a traseira da carruagem num esforço conjunto para a impulsionar.

Para a frente. Eles a ergueram das poças; adiante, centímetro por centímetro, passo a passo. Relâmpagos iluminavam a estrada à frente, delineando a silhueta sempre iminente do Apócrifo.

Nenhuma janela interrompia o exterior pétreo da imponente fortaleza. Sua única entrada era vigiada, dia e noite, por guardas do Conselho, homens escolhidos a dedo pelo Conselho Superior por sua força física e de vontade, e lealdade inabalável. Mesmo o rígido protocolo da Guarda Real do Rei Filipe era inferior em comparação. Dentro daquelas muralhas protegidas jaziam palavras das escrituras conhecidas por poucos homens vivos — desde os livros completos, outrora sagrados, de Enoque, Jubileus, Gigantes, Salomão e outros, até pergaminhos antigos escritos em línguas não ouvidas na Terra há mil anos. E de artefatos da Biblioteca Grega de Alexandria, há muito destruída, a cilindros de barro assírios que detalhavam os anos que se seguiram ao Grande Dilúvio e que foram confiscados de templos judaicos e cristãos. Nas primeiras cruzadas, o conteúdo dos Apócrifos guardava todos os segredos da Igreja e os mantinha em segredo.

Lean procurou material contido em quatro encadernações apócrifas — textos que o Cardeal conhecia quase de cor. E embora fosse contra seu bom senso remover qualquer coisa dos Apócrifos, ele não conseguia imaginar abordagem melhor para a tarefa que tinha pela frente: convencer Clemente de coisas que nenhum homem sensato ousaria acreditar serem verdade.

O primeiro dos quatro volumes encadernados foi o "*Statutory Physique*", o maior deles. Continha descrições detalhadas dos mosteiros conciliares e de suas duas pedras de entrada. Também continha a história de cada um. A primeira pedra de entrada foi desenterrada em 876, durante o reinado de [nome do imperador]. do Papa João VIII. Localizado nas regiões montanhosas da Úmbria, dentro dos Estados Papais da Itália, o sítio arqueológico também abrigava um antigo assentamento samnita. A segunda Pedra de Entrada foi descoberta em 877, sob o Papa Estêvão VI.

Na atual província de Auvergne, na França, o monólito ficava no topo de uma colina rochosa, ao sul do rio Loire.

O segundo livro era o das *Proclamações do Conselho*. Nele constavam os membros históricos do Conselho, incluindo todos os Pontífices e conselheiros que já serviram nos Conselhos Superior e Inferior. Também continham os estatutos do Conselho.

O terceiro documento vinculativo foram as *Exclusões da Reforma*, redigidas pelo Papa Bento XII em 1336. Tratavam-se de emendas canônicas ou cláusulas de exclusão à Bula Papal: o *Redemptor Noster*. Permitiam ao Concílio governar seus dois mosteiros de maneiras que...

achou conveniente.

O quarto e último texto que Lean procurava eram as *Traduções de Naramsin* — também chamadas pelo Conselho Superior de *Transdivinações da Pedra Fundamental*. Essas frágeis páginas encadernadas datavam de três séculos atrás e receberam o nome coletivo de Naramsin, um escriba da Abadia e clérigo da Ordem dos Guardiões que, por meio de seu serviço e devoção dedicados, conseguiu decifrar sozinho as inscrições monolíticas francesas. Essas traduções representavam uma versão em latim da estranha língua gravada nas faces da pedra francesa. E como as inscrições na pedra italiana eram idênticas, as páginas de Naramsin serviram como tradução para ambas as Pedras Fundiárias, localizadas na França e na

Lean sabia que qualquer um dos quatro textos poderia servir para despertar o Pontífice desavisado para o verdadeiro perigo iminente, mas seriam necessários os quatro para trazer o homem sob o domínio de Lean — e, portanto, sob o controle dos Apócrifos. Ele precisa ver isso, se o Conselho quiser sobreviver. A carruagem de Lean parou e ele espiou pelo portal, vendo silhuetas sob uma chuva torrencial, reunidas em duas fileiras para flanquear um par de portas maciças com cintas de ferro — a entrada para os Apócrifos.

Dentro do Apócrifo e além de suas grandes portas, tochas nas paredes iluminavam uma dezena de guardas resolutos que se alinhavam na entrada do corredor. Do outro lado, pontas de lanças golpeavam a porta, seguidas por uma ordem abafada: "Abra, por ordem de Sua Eminência, o Cardeal Lean do Conselho Apócrifo!"

Dois guardas removeram as barras de ferro e se esforçaram para abrir as portas. Cardeal Lean e seu capitão passaram apressados, completamente encharcados pela forte chuva. Os guardas se curvaram enquanto os dois passavam. As portas se fecharam com um baque retumbante. Sem interromper o passo, Lean e o capitão desapareceram no corredor escuro, deixando um rastro de água que pingava de suas vestes sobre as pedras do pavimento, que refletiam os reflexos trêmulos das chamas das tochas no corredor.

Ao virar a esquina e se aproximar do final do corredor, seis guardas revelaram sua presença abruptamente. Eles estavam diante de uma porta alta e ricamente ornamentada, coberta de entalhes intrincados, com placas de metal reluzentes e cravejada de pedras preciosas. Letras gregas, a palavra APOCRYPHOS, estavam inscritas acima da pedra angular. O sargento da porta avançou, com a mão erguida e a palma voltada para fora. "Pare!" Os guardas atrás dele ergueram as armas e um estrondo de pesadas armaduras de ferro ecoou pelo salão. Lean parou diante do sargento, que prosseguiu: "Indique a natureza de—"

Lean afastou a mão rapidamente. "Não tenho tempo!" Inclinou-se para a frente, juntou as mãos em concha e sussurrou as palavras de passagem no ouvido do sargento.

O soldado girou, bateu os calcanhares e dirigiu-se aos guardas da porta: "Deem passagem a Sua Eminência, o Cardeal Lean do Conselho!"

Os guardas se afastaram apressadamente e o sargento deslizou uma grande chave de latão na fechadura. Eles pressionaram os ombros contra as tábuas de madeira imaculadas da imponente porta enquanto esta se abria. A porta gemeu e se abriu lentamente. Lean pegou uma tocha que um dos guardas lhe entregou antes de se abaixar para passar pela abertura recém-criada na entrada. Atrás dele, a porta maciça se fechou com um estrondo retumbante. O eco se dissipou e um silêncio o envolveu ali — na quietude. escuridão — perturbada apenas por sua própria respiração e pelo som constante da chama da tocha.

Lean avançou pela escuridão com passos firmes, acendendo uma série de tochas nas paredes. A enorme sala tomou forma à medida que o Cardeal dissipava a escuridão. Inúmeras fileiras de estantes de livros revestiam as paredes. Corredores e mais corredores delas cruzavam os andares, suas prateleiras abrigando uma vasta coleção de textos — manuscritos, pergaminhos e cilindros de barro inscritos — todos segredos da Santa Sé. Lean fixou a tocha em um compartimento vazio. Um suporte para lanterna estava fixado na lateral de uma prateleira. Uma espaçosa mesa de leitura estava iluminada à sua frente. Ele ergueu um dos vários bancos de madeira ao redor da mesa e desceu apressadamente. Muitas fileiras de prateleiras. Ele virou uma esquina e congelou; gelo e pavor lhe percorriam as veias. Alguns metros adiante, diante dele, já havia um banquinho. Ele largou o banquinho que carregava e correu para o outro.

Lean subiu no novo banquinho e vasculhou as prateleiras, examinando-as febrilmente antes de... Encontrou -o — o livro "A Estátua da Vida". Com um suspiro e um aparente segundo fôlego, pegou o livro enorme e correu para a escrivaninha. Mal o havia largado sobre a mesa, acomodado numa cadeira e aberto a capa; seu coração disparou . Faltavam algumas páginas.

"Não!" exclamou ele, ofegante, enquanto folheava as páginas, com a mão sobre a boca, os olhos arregalados e brilhando com uma mistura de espanto e terror profundo. Quase metade das páginas havia sumido — arrancadas . "Não. Não! Não!" Ele saltou da mesa e correu em direção à porta fechada.

"Abra esta porta imediatamente!" gritou Lean, socando-a com força. Uma chave girou na fechadura e ele empurrou a pesada porta, impulsionado por uma força recém-descoberta. "Quem esteve no arquivo?", gritou Lean.

O sargento gaguejou: "Seus, hum... apenas... apenas os cardeais do Conselho foram admitidos."

Lean inclinou-se para perto do rosto dele e rosnou: "Eu sou o último do Conselho. O último! Não há outro!"

"E quanto ao Cardeal Masson?", perguntou o soldado.

Lean recuou bruscamente, o rosto contorcido em uma expressão horrivelmente desfigurada. "Masson? Não existe nenhum cardeal com esse nome."

"Ele—este Masson conhecia as palavras da passagem, Vossa Eminência! Minhas ordens são para permitir—"

"A chave, me dê!" interrompeu Lean. O soldado obedeceu. Lean enfiou a chave debaixo de sua túnica.

"Eu sei suas ordens, guarda!" Lean se recompôs. "Diga-me, qual era a aparência dele? Estava vestido"—Lean apontou para suas próprias vestes escarlates—"como um cardeal?"

"Sim, Vossa Eminência. Ele alegou ser um membro recém-eleito do Conselho. Afirmou ter sido enviado por Sua Santidade para inspecionar determinados registros canônicos. E ele o conhecia muito bem."

"Sargento, o motivo da minha visita aos Apócrifos é informar Sua Santidade sobre suas obrigações para com eles. Como ele poderia emitir ordens a respeito de coisas das quais nada sabe?"

"Vossa Eminência, minhas ordens são—"

"Mãe de Deus", murmurou Lean, distraído sob os dedos trêmulos, os olhos percorrendo o ambiente. antes de se virar para o sargento e, com os olhos semicerrados, perguntou : "Qual era a aparência desse Cardeal Masson?" .

"Ele tinha muita certeza de si mesmo — portava -se como um cardeal. Sua altura — cabelo loiro — pele clara — ah — e um olho castanho e o outro, branco!" O soldado apontou para o olho esquerdo. "Este era cego."

Lean endureceu o rosto e rangeu os dentes. Só havia um cardeal com aqueles olhos.

"Maldito seja ele", pensou Lean. "Blasi... a faculdade deve tê-lo mandado fazer isso."

"Quem veio com ele — a escolta?", perguntou Lean ao sargento perplexo.

"Ele veio sozinho, Vossa Eminência, em sua própria montaria."

"Sozinho?" Lean bufou alto. "Sargento, venho com dezenas de guardas e uma carruagem blindada. Não achou estranho que um cardeal viajasse para fora do palácio, para fora da cidade, sem escolta? E montado em um cavalo?"

"Vossa Eminência, cada vez que ele vinha, esse Masson — quero dizer, esse homem — sussurrava para mim exatamente as mesmas palavras que o senhor mesmo usou há pouco. Caso contrário, eu não o teria deixado entrar. Minhas ordens—"

"Eu sei quais são as suas ordens!", exclamou Lean. "Cada vez que ele vinha", você disse... quantas vezes, sargento? Quantas vezes você abriu essas portas para esse intruso?"

"Muitos nos últimos dias", disse o sargento em voz baixa. "Espero vê-lo novamente amanhã;

Devo levá-lo sob custódia, Vossa Eminência?

Lean sabia que, sem o conhecimento de Clement sobre os Apócrifos, a prisão de Blasi poderia apenas irritá-lo e inflamar uma situação já frágil.

“Não, sargento”, respondeu Lean calmamente. “Simplesmente negue-lhe o acesso aos Apócrifos. Não o prenda. O novo Conselho decidirá o que fazer com ele.” Então, outro pensamento lhe ocorreu.

“Você já repetiu as palavras da passagem para alguém?”

“Eu, Vossa Eminência? Não. Estou proibido por ordem de fazê-lo.”

“Nunca? Nem mesmo para si próprio?”

“Nunca, Vossa Eminência.”

O homem fazia guarda naquela mesma porta havia quase duas décadas. Lean tinha poucas dúvidas sobre ele. Então, a ideia surgiu em sua mente; ele viu a chave girar na fechadura e uma porta para um... Com a sinistra verdade revelada, ele a percebeu imediatamente. O Cardeal Basiliste foi torturado para confessar as palavras da passagem; isso certamente ligava Blasi ao assassinato de Basiliste.

“Não digam nada disso a ninguém. Alteraremos as palavras da passagem diante de mim.” Saíam. Ninguém cruza o limiar do arquivo — ninguém, exceto eu. Vocês me acolhem?

“Sim, Vossa Eminência. Sim”, concordou o sargento prontamente.

“Mais uma coisa: o intruso levou consigo alguma coisa, mesmo que fosse apenas um pedaço de papel?”

O sargento respondeu: “No primeiro dia, ele retirou duas encadernações do arquivo e eu insisti para que as devolvesse. Eu o irritei, mas ele obedeceu. Desde então, ele não levou nada consigo. Inspecionei sua batina da melhor maneira possível, mas não me atrevi a...

“Exigi uma revista pessoal, já que ele era... eu o indiquei como um Cardeal do Conselho”, irrompeu o homem.

Com as bochechas em chamas, ele olhou para as pedras do chão enquanto murmurava: “Exatamente como fiz com o senhor, Vossa Eminência”.

Lean franziu a testa. “Não fale mais sobre isso. Feche a porta.”

“Sim, Vossa Eminência.” O sargento fechou a porta alta com um empurrão e Lean retirou a chave de suas vestes, trancando a porta por dentro. Ele retornou à mesa de leitura.

Lean avaliou os danos, reunindo o que Blasi poderia ter aprendido com as páginas rasgadas. Ele folheou mais páginas.

“Droga!” Lean bateu com a mão em uma seção que faltava. Ele procurou mais a fundo no livro, apenas para descobrir que todas as *traduções de Naramsin* haviam sido removidas.

“Que se dane ele!” Ele bateu com o punho na mesa; sua raiva ecoou pela prateleira, pelo chão e talvez até o próprio núcleo da terra. Por meio de Clement, Lean garantiria que Blasi permanecesse em silêncio.

“Caw! Caw!” Ouvia-se um chamado rouco: “Caw!” Um Lean assustado ergueu a cabeça bruscamente para ver o que estava acontecendo. Um corvo esvoaçante pousou no topo de uma estante, batendo as asas no ar. Lean se levantou lentamente. “Como em nome de Deus—” O pássaro atacou Lean, mirando diretamente em seus olhos. Com um grito estridente, o cardeal cambaleou para trás. Como um relâmpago, as penas negras e estridentes rasgaram seu rosto com o bico e as garras reluzentes. Com o rosto coberto de sangue e cego, Lean cambaleou para trás, bateu em uma prateleira enorme e caiu. A prateleira balançou e o corvo alçou voo. De joelhos, limpando o sangue dos olhos, Lean encontrou o pássaro empoleirado calmamente no mesmo lugar onde o vira pela primeira vez. Lentamente, ele se levantou.

“Creak!” Lean olhou por cima do ombro e viu a estante balançando e caindo de volta em sua direção. Ele estendeu o braço e gritou. Uma avalanche de livros e prateleiras — a montanha desabou sobre ele como um deslizamento de terra de encadernações, fazendo o cômodo tremer até mesmo os mais altos. A porta. A tocha, encostada na lateral da estante, caiu sobre a pilha de livros e os incendiou. Então tudo ficou em silêncio — tudo, exceto o crepitar da chama e o gemido abafado de um cardeal preso sob os escombros. De repente, a figura do corvo se transformou em uma nuvem de fumaça que se dissipou e desapareceu.

“Vossa Eminência!” gritou o sargento, batendo contra a porta alta.

Debaixo da caixa, Lean jazia amarrado, com as pernas quebradas e as costelas fraturadas. Livros e estantes o bloqueavam por todos os lados. Fumaça se espalhava pela pilha. “Meu Deus! Socorro! Guardas!” , ele gritou.

A fumaça se espalhava pelo chão e, sob o umbral da porta, acumulava-se ao redor das botas do sargento. “Tragam um aríete! Chamem todos os soldados! Agora!”, bradou o sargento para seus homens. Eles se dispersaram. Ele bateu na porta: “Cardeal Lean! Abra a porta!”

O tempo passou e a fumaça engrossou. Quando os soldados voltaram com o aríete, golpearam a porta alta, fazendo-o com lágrimas ardentes e ao som dos gritos sufocantes de

Um cardeal em chamas, começando pelos pés.

~\*~

Aconteceu que o destino foi benevolente com o Cardeal Blasi. Se Lean tivesse vivido mais um dia sequer, Blasi poderia ter sido acusado de assassinato. O Papa não teria tido muita escolha a não ser iniciar uma investigação minuciosa dos Apócrifos. E uma investigação poderia ter

Revelou-se o segredo guardado pelo Conselho, e o Papa certamente teria nomeado um novo Conselho Superior, mesmo enquanto Blasi definhava em uma sepultura de indigente. Em vez disso, Blasi encontrou seu caminho magicamente livre de obstáculos.

No dia seguinte ao incêndio que consumiu os Apócrifos, o Lorde de Armas do Pontífice, Capitão Pitro, foi enviado para investigar o acidente. Pitro retornou com suas conclusões: a morte do Cardeal Lean e o incêndio que destruiu o conteúdo do arquivo foram um mero acidente. O assunto foi arquivado e o Papado continuou sua investigação sobre o assassinato do Basilista, embora sem muita urgência. Com a visita do Rei Filipe ao Palácio Papal agendada para dali a menos de dois meses, era a política que ocupava as mentes e as línguas do palácio. Os Apócrifos e seus segredos teriam que esperar. Afinal, a Inglaterra havia ocupado partes do território francês e Filipe precisava da ajuda do Papa Clemente, sob a trégua vigente, para recuperar os territórios perdidos do Norte.

Ao longo do mês seguinte, Blasi teve ampla oportunidade para refletir sobre os registros que havia roubado. As traduções de Naramsin despertaram-lhe grande interesse.

Na privacidade do Château Rouge, ele leu e releu o fascinante texto.

Se essas coisas forem reais, pensou ele, estupefato, então o espectro do meu irmão falou a verdade: este monólito tem o poder não só de expulsar Edward da França, mas também de esmagá-lo — e a todos nós. A Inglaterra com ele.

Era início da tarde quando Blasi entrou no pátio do claustro do Palácio Papal. Ele avistou Julin caminhando pelos jardins, conduzindo dois jovens criados. Sobre os ombros dos meninos, estendia-se um longo rolo de tecido azul-escuro cravejado de botões de prata. “Cardeal Julin! Um momento do seu tempo”, gritou Blasi do outro lado da galeria. Quando ele se aproximou Julin, outro cardeal de toga vermelha, o Cardeal Firmus, aproximou-se. Firmus também era um administrador do palácio e suas funções o tornavam o mais detestado de todos os cardeais do palácio. Ele investigava, documentava e relatava todos os assuntos do palácio diretamente ao Papa. Em suma, Firmus era os olhos e ouvidos do Papa e se comportava como se já o fosse. eleito como o próximo Papa. No entanto, na verdade, a sua não passava de uma intromissão egocêntrica. corpo.

“Julin, você sabe onde está o Cardeal Toussain?”, perguntou Blasi.

Firmus interrompeu: “Blasi, você já marcou os três barris de vinho para Sua Majestade, o Rei Filipe?”

“Sim, ontem de manhã”, respondeu Blasi secamente antes de se virar para Julin e repetir: “Onde está Toussain?”

Julin olhou por cima do ombro. “Ele estava nos seguindo até um instante atrás. Talvez

Ele... ah! Ele vem agora.

Toussain atravessou o arco da Galeria do Claustro com ambos os braços apoiados. um quadrado grosso de tecido azul dobrado.

Firmus colocou o rosto entre os cardeais, exigindo a atenção de Blasi. “Toussain Encheu os engradados de garrafas de Sua Majestade e os marcou?”

Julin interceptou essa pergunta. “Ele já fez isso. Duas noites atrás.”

Toussain chegou ao grupo, ofegante e com a expressão abatida. “Julin, eles vão derrubar a toalha e sujá-la se você ficar aí parado por muito mais tempo”, disse ele, rispidamente. Julin notou os três jovens criados fazendo caretas, com os pés inquietos sob o peso considerável.

“Oh, céus! Não deixem cair! Para o Salão de Banquetes!” Julin gritou para seus criados. Virou-se e cumprimentou os dois cardeais. “Blasi; Firmus.” Saiu correndo, com os rapazes atrás dele.

“Estou logo atrás de você”, gritou Toussain. Ele acenou para Blasi e Firmus, claramente se preparando para correr atrás de Julin. Firmus parou à sua frente, cruzando os braços atrás das costas e balançando para trás. “Sua Santidade me pediu para confirmar se os engradados de garrafas estão embalados e etiquetados”, disse ele, com ar de superioridade, encarando Toussain com seu nariz comprido. “Imagino que sim?”

“Como deve ser”, respondeu Toussain secamente.

Blasi resmungou, exasperado: “Só recentemente Julin admitiu que Toussain preparou as garrafas.” Firmus inclinou a cabeça ainda mais para trás, olhando para Blasi de cima como se estivesse em uma grande altura. “De fato, ele preparou, mas eu quero ouvir as palavras de Toussain e não as de outro. Ah, e diga-me, Blasi, você colocou um guarda ao lado dos barris de vinho que reservou para Sua Majestade?”

“Não havia necessidade”, afirmou Blasi, arqueando uma sobrancelha. “Avisei os barris de vinho que, caso tentassem escapar da adega, eu mesmo me encarregaria de que morressem bêbados — e, portanto, eles concordaram em não fugir.” Um sorriso seco surgiu em seus lábios.

Toussain conteve uma risada.

A testa de Firmus endureceu. “Vou fingir que não ouvi essas brincadeiras de cardeais”, disse ele friamente. “Blasi, talvez você tenha se esquecido de que a Inglaterra e a França estão em guerra.” Talvez o senhor deva assumir a responsabilidade pessoal, caso Sua Majestade seja envenenado e morra.” Voltando-se para Toussain, ele continuou: “O Lorde de Armas não está na Sala da Guarda. Você o viu hoje?”

Blasi interrompeu. “Talvez você já tenha descoberto meus barris de vinho desprotegidos e, desde então, tenha procurado o Capitão Pitro para colocar um guarda neles, não é? Se for esse o caso, então pode parecer bastante inútil da sua parte me perguntar se eu coloquei um guarda.”

Firmus se insinuou; no entanto, Blasi não lhe deu brecha. “Mas você perguntou, talvez porque pretenda...”

Convencer Sua Santidade de que me flagrou em alguma terrível negligência do dever? Será que esse é o objetivo do seu plano, Firmus? Colocar-se em uma posição favorável? com a Santa Sé, lançando uma luz negativa sobre mim?”

Firmus rebateu a acusação com uma citação do Livro dos Provérbios: *"O insensato revela todos os seus pensamentos, mas o sábio os guarda para si."*

Toussain desarmou o conflito diplomaticamente ao responder à pergunta anterior de Firmus. "O Conde de Pointers já chegou e está na Ala das Dignidades. Creio que o Capitão Pitro e o Cardeal Firmus também poderão encontrá-los lá."

"Sim, claro", concordou Firmus, ansioso por encerrar a conversa com suas próprias palavras. Ele acenou cuidadosamente para Toussain e Blasi. "Cardeal Toussain; Cardeal Blasi."

Blasi deu ao homem espaço suficiente para recuperar um pouco do equilíbrio antes de gritar para ele: *"E aquele que passa e se mete em contendas que não lhe dizem respeito é como quem pega um cão pelas orelhas."*

Firmus enrijeceu visivelmente, como se tivesse levado a sério a citação do Livro dos Provérbios, mas continuou andando como se não a tivesse ouvido.

Toussain mordeu o lábio para disfarçar um riso que escapava. Inclinou-se para Blasi, sussurrando: "O Capitão Pitro está ali, atrás de você." Gesticulou discretamente em direção aos arcos no lado oposto do pátio. "Ali, além da coluna mais distante. Ele está conversando com um guarda."

"Ah, muito bem, Toussain." Blasi caminhou até a coluna. Encontrou Pitro atrás dela e sussurrou algo em seu ouvido. Pitro assentiu com a cabeça ao ouvir o sussurro de Blasi e então deu uma ordem ao guarda, que se virou e correu na direção da Grande Adega. Blasi deu um tapinha no ombro de Pitro em agradecimento e voltou para perto de Toussain.

"Meu amigo, precisamos conversar. Há assuntos de extrema importância que preciso compartilhar com você", insistiu Blasi, quase suplicando. Toussain observou o olhar quase obsessivo do outro homem, com o movimento de suas mãos e a postura ansiosa. Olhando por cima do ombro de Blasi, ele latiu: "Rapaz! Venha depressa!" Um escudeiro de orelhas grandes aproximou-se cautelosamente dos cardeais vestidos de escarlate. "Vossa *Em-nuh-nessa?*"

"Eminência, rapaz", corrigiu Toussain. *"Eminência. Você é um dos rapazes do Cardeal Julin, não é?"*

"Sim, seu... sim, senhor."

"Seu mestre está no Salão de Banquetes." Toussain ofereceu o pedaço de seda grossa ao menino maltrapilho. "Agora leve este pano para ele. Diga ao Cardeal Julin que o Cardeal Toussain chegará em breve. E se você sujar este pano, escudeiro, você responderá por isso. Entendeu?"

"Sim, Vossa *Em-nuh-dade.*"

Toussain entregou o material com um suspiro. "Então vá. Vá embora." O menino correu.

Fora com o pano. Toussain afirmou: “Não a adega. Você mandou um guarda lá dentro — e eu tenho criados posicionados na despensa. A Sala da Boteillerie é certamente privada.” “Está bom o suficiente”, respondeu Blasi. Eles saíram juntos do pátio.

Os dois homens de vestes vermelhas cochicharam entre si, subindo os degraus de madeira rústica que davam acesso à Boteillerie. Toussain inspecionou os seis aposentos em busca de criados antes de indicar a Blasi a entrada para o Armazém de Garrafas, onde negociaram em meio a um labirinto de prateleiras cheias e vazias até encontrarem...

Chegaram a um canto nos fundos da sala. Ali, estavam em clara vantagem, pois conseguiam avistar a aproximação de alguém que entrasse, muito antes que o intruso pudesse ouvir a troca de palavras sussurradas entre eles.

Blasi falou por longos momentos enquanto uma mistura de emoções conflitantes se espalhava pelo rosto de Toussain : choque, ceticismo, horror, repulsa e, finalmente, incredulidade declarada.

“Como você espera que eu acredite em algo tão absurdo?”, perguntou ele firmemente, depois que Blasi terminou. “Como se fosse uma história fantástica!”

Blasi se defendeu: “Vocês já viram os dois mosteiros de que falo, mencionados nos registros de impostos papais? Vocês já souberam qual era o propósito do Concílio? Melhor ainda, o que guarda em seus arquivos? Você sabe por que o Concílio e seus cardeais sempre estiveram separados do eleitorado da Igreja? Toussain, eu vi registros dos Apócrifos. O que lhe digo é a verdade, perante Deus e a França. Eles guardam os próprios portões do Inferno.

“Então, você quer que eu acredite”, disse Toussain lentamente, “que o Conselho dos Apócrifos construiu esses mosteiros para guardar pedras que são, na verdade, os portões do Inferno? Devo acreditar que, se alguém pronunciar estas inscrições esculpidas na pedra, poderá abrir o próprio Inferno. E estas Pedras de Entrada”—os lábios de Toussain demoraram-se na palavra como se ela tivesse um gosto nauseabundo na boca—“ salvarão toda a França? Blasi, você está me apresentando um cardeal do palácio, tão respeitado ao longo dos anos pelos meus pares papais, porque me falta razão?” Ele bufou. “Até um imbecil teria dificuldade em acreditar numa afirmação tão temerária como a sua!”

“É a verdade! Eu sei que pode ser difícil de entender, Toussain — eu juro, é a verdade.” “Muito bem.” Toussain franziu a boca numa linha sinistra. “Suponhamos que você esteja falando a verdade. Suponhamos também, Blasi, que você consiga encontrar um meio de penetrar em qualquer um dos mosteiros do Conselho — e que encontre esta pedra fortemente guardada e pronuncie com precisão os encantamentos necessários para abrir os Portões do Inferno.” Toussain olhou fixamente para Blasi. “Supondo isso, como você persuadirá os Demônios? Para fazer o que você manda? O que você dirá quando essas criaturas de Satanás jorrarem desta pedra? 'Avancem, destruam os ingleses?'" Toussain soltou um grito áspero, quase estridente.

"Risos. Assim como um pássaro libertado de uma gaiola não retorna ao comando, por que esses Espíritos deveriam obedecer a você uma vez livres? Além disso, como você pode abrir e fechar uma pedra com meras palavras? Não, Blasi; você fala como uma criança cativa tomada por uma excitação fantástica!"

"Os Portões são muito mais do que simplesmente abri-los e fechá-los", rebateu Blasi.

"São semelhantes a portões, mas não se abrem nem se fecham. Espíritos podem passar por eles. As traduções estão em forma de versos, como as Escrituras. É por meio dessas palavras, as palavras nas pedras, que se pode invocar espíritos delas — ou fazê-los retornar."

Toussain balançou a cabeça. "Você ainda não respondeu à minha pergunta. Por que esses Espíritos precisam fazer sua vontade depois que você os libertou?"

"As traduções confirmam que é possível invocar Espíritos dessas Pedras de Entrada e comandá-los!" Blasi insistia desesperadamente, quase em um frenesi, socando com o punho a grossa tábua da parede da Sala das Garrafas. "E tem mais. Tive uma visão abençoada não faz muito tempo. Meu irmão, Jean-Jacques, que foi morto pelos ingleses em Crécy, veio até mim. Ele falou sobre—"

"Chega de tolices!", exclamou o Cardeal Toussain. "Preciso estar no Salão de Banquetes. Talvez possa invocar o espírito de seu irmão e estes... seus demônios de pedra."

Para te ajudar. Nem Julin nem eu ficaremos ao seu lado quando uma inquisição te acusar de heresia, Blasi. Oh, pode ter certeza de que levarei sua história absurda a Julin, como você pediu — e pode ter certeza de que ele te deixará completamente louco de febre.

"Eu também." Toussain virou as costas.

"Não... espere. Só mais um instante", gritou Blasi atrás dele.

Toussain não parou nem se virou enquanto falava. "Eu nunca tive essa conversa com você, e se você afirma que sim—"

"Gostaria de ver os discos pessoalmente?" Blasi abriu caminho entre as prateleiras de garrafas. "Eu os tenho."

Toussain parou abruptamente e esfregou o queixo. Nenhum Cardeal do Colégio recusaria a oportunidade de examinar os registros do Conselho, independentemente das alegações insensatas de Blasi, se realmente lhe fosse dado acesso a qualquer mistério oculto que o Conselho tivesse guardado com tanto zelo, por tanto tempo.

"Mostre-me esses registros, então. Deixe-me testemunhar por mim mesmo e reunir minhas *próprias* conclusões. Se forem convincentes, ouvirei mais sobre o assunto. Caso contrário, devolvarei os registros a você — com a condição de que pare de nos perturbar, a mim e a Julin, com essa loucura. Esqueça que um dia nos falou sobre isso. Tenho sua palavra de honra, Blasi?"

“De fato, você o possui. E eu possuo *o seu*, de que você guardará estes registros a todo custo e devolverá cada folha após sua inspeção particular?”

“Não preciso deles. Devolverei todos — minha palavra está dada.”

“Muito bem, então.” Blasi pareceu quase desmaiar de alívio. Ele poderia ter aliados, uma vez que seus amigos vissem o que ele tinha visto. “E quando você descobrir que eu falo a verdade, esperarei um pedido de desculpas seu.”

“‘Serviria tanto quanto’, riu Toussain, pensativo. Como era ridículo esse homem em sua loucura. No entanto, os registros dos Apócrifos—”

“Está combinado.”

“Terei os registros para você ao amanhecer. Vou levá-los para o porão.” Blasi saiu.

Toussain observou Blasi atravessar o pátio, aguardando antes de sair da Boteillerie. Depois Afinal, o homem pode já ter contado essa loucura a outros — não seria bom ser visto na companhia de alguém que, Toussain tinha certeza, acabaria na roda do Inquisidor antes de passarem quinze dias.

Conforme combinado, Blasi estava esperando no porão na manhã seguinte. Ele entregou a Toussain as páginas dos Apócrifos, que havia arrancado da Estátua Física e de várias outras encadernações — quase cem páginas no total. Em pouco tempo de leitura absorta, Toussain percebeu, com crescente horror, que Blasi falava a verdade. “Tudo verdade”, pensou ele, atordoado, “Tudo”. Pelo resto do dia, permaneceu sentado em seu escritório, sem se mexer, sem comer ou beber; os escritos antigos estavam espalhados ao seu redor. Ao cair da noite, cambaleou, levantando-se como se estivesse lutando para despertar em meio à névoa de um pesadelo. “Tudo verdade”, sussurrou para o cômodo vazio. Reunindo as páginas cuidadosamente, Toussain partiu em busca do Cardeal Julin.

### ***Cidade de Avignon ~ Palácio Papal ~ Junho de 1347***

O Salão do Conclave do Palácio Papal era adornado com murais de cenas religiosas e pinturas de dignitários papais. Tapeçarias flamengas pendiam sobre os luxuosos aposentos. O Salão estendia-se em comprimento e largura sob paredes imponentes. Seu piso se espalhava como um oceano sob as vigas maciças do teto. As vigas arqueadas do O teto lembrava o casco invertido de um navio, talvez adequado até mesmo para a odisseia de Noé. O salão servia como quarto de hóspedes do palácio — uma suíte para dignitários visitantes e adequada para qualquer ocasião. Rei.

Guardas e criados entravam e saíam da entrada do Salão, desempacotando os pertences do Rei Filipe.

Bagagem. “Abram caminho!” trovejou uma voz do lado de fora da porta. A entrada se abriu enquanto guardas com alabardas marchavam, escoltando um cardeal corpulento até o fundo do Salão do Conclave. Eles atravessaram a entrada e entraram em um Salão de Banquetes ricamente decorado, antes de pararem abruptamente.

Uma grande mesa de jantar ocupava o centro da sala. Sozinho e sentado numa cadeira alta com colunas que dominava a mesa, o Rei Filipe saboreava cordeiro. Jantava sozinho. Diante dele, a mesa estava posta com louças de ouro e prata. Ao seu lado, um criado estava sempre pronto para reabastecer sua taça de vinho.

Um dos guardas bateu sua alabarda no chão e dirigiu-se ao Salão: "O Cardeal Julin da Santa Sé solicita uma audiência com Sua Majestade, o Rei Filipe da França."

"Deixe-o entrar", ordenou Philip, tossindo com a boca cheia de carne.

Os guardas permitiram que o Cardeal Julin prosseguisse e eles se viraram e saíram marchando do Salão. Então, os dois se afastaram e pararam abruptamente ao lado da entrada.

Julin aproximou-se da mesa e fez uma reverência. "Vossa Majestade."

Philip ergueu os olhos, limpando displicentemente o queixo engordurado: "Como sempre, Cardeal, suas cozinhas rivalizam com as minhas — o serviço — incomparável. Já considerou minha oferta para chefiar minhas cozinhas e o salão de banquetes, Julin? Eu o recompensarei em dobro e mais uma vez tudo o que você já tem. Não esperaria nada mais do que o que você já faz por Sua Santidade."

Julin sorriu e curvou-se novamente, corando com o elogio culinário real. "Sinto-me extremamente honrado, Vossa Majestade, mas meu serviço deve permanecer com a Igreja." Filipe balançou a cabeça em sinal de reprovação. cabeça em sinal de decepção.

"Bem." Philip apontou para uma bandeja de prata. "Parece que desta vez você conseguiu confundir até meu criado, Julin. O que é?" Sobre a bandeja repousavam duas lamparinas de óleo em miniatura, um aparelho de porcelana com três pés e uma lata de água. No centro, uma caixa forrada de seda, finamente trabalhada com pinturas de dragões, continha um ninho improvisado de palha com um único ovo.

"Posso?" perguntou Julin.

"Claro que pode", concordou Philip, olhando fixamente para os dragões pintados.

Julin reuniu as peças. "Foi adquirido de um navio mercante genovês. Imaginei que você gostaria." Ele encaixou as duas lâmpadas e a lata em seus lugares. Em seguida, pegou o ovo e o colocou no mecanismo. "As lâmpadas precisam ser acesas."

"Tragam uma chama", disse Philip, estalando os dedos. O criado saiu e voltou com uma chama.

Julin acendeu as lâmpadas. "Os óleos nas lâmpadas são perfumados. Agora, o ovo está sendo preparado enquanto vocês comem e pode ser consumido após a refeição." Uma chama aquecia a lata de água sob o ovo. Outra queimava atrás do ovo, diante de uma placa refletora côncava. A luz concentrada

ofereceu uma visão do interior do ovo.

Philip olhou para dentro e descobriu a gema mais escura do ovo, suspensa num brilho opaco. "Preciso de um. Qual é o nome dessa geringonça de três pernas?"

"Chame como quiser. É seu, Vossa Majestade", sorriu Julin, estendendo a mão à frente do criado para encher novamente o cálice de Philip. "Posso falar a sós com você?"

Philip dispensou o manobrista com um gesto e estendeu a mão em direção a uma cadeira. "Sente-se, Julin. Fale." Julin se acomodou na cadeira.

"Janela de ovo", murmurou Philip de repente com um sorriso.

"Vossa Majestade?"

"O nome disso—" Philip gesticulou em direção ao tripé decorado com um dragão. "É uma janela em forma de ovo— já que consigo ver dentro dela."

"*Janela de Ovos* — de fato, um nome excelente." Julin pigarreou. "Majestade, se me permite — presumo que veio buscar o conselho de Sua Santidade a respeito de Edward e — dos infelizes acontecimentos em Crécy."

"Então alguém te enganou", afirmou Philip, tornando-se frio e distante. "Conselhos são como água — estão por toda parte e sempre mudando. Conselhos, eu tenho. Paris está cheia deles. Preciso de exércitos."

"Permita-me ser mais direto com Vossa Majestade", Julin inclinou-se para a frente e sussurrou, vislumbrando os guardas da porta enquanto falava.

"Guardas! Deixem-nos em paz!" gritou Philip. Os soldados saíram do grande salão e desapareceram atrás de portas fechadas. Ele recostou-se e ouviu Julin falar sobre a Pedra do Portal dos Guardiões dos Apócrifos e seu potencial uso como arma contra os ingleses. Julin explicou como o Rei poderia ajudar, emprestando-lhe soldados suficientes para retomar o controle da Pedra Fundamental.

"Portanto, como você já deve ter percebido", afirmou Julin, resumindo sua explicação, "a situação é extremamente grave e sua ajuda é crucial".

"Ah, sim! Claro; claro", afirmou Philip, dando a última mastigada no pedaço de carne. Filipe baixou a cabeça, pegou um guardanapo e tapou a boca com ele. Seguiram-se suspiros de espanto. O rosto do rei ficou vermelho.

Julin levantou-se da cadeira. "Vossa... Vossa Majestade?" Julin pegou um cálice de água da mesa.

Philip largou o guardanapo, jogou a cabeça para trás e caiu na gargalhada, o salão ecoando com seu riso. Entre risadas, tossiu: "Espíritos... legiões de Fantasmas? Sim, eu o destruirei com meus Fantasmas. É isso mesmo! Com meus Fantasmas de confiança!" Philip olhou para o teto e berrou com sarcasmo melodramático: "Vá embora, Edward, ou eu..."

"Invocarei meus fantasmas sobre você!"

Julin pousou o cálice e recostou-se na cadeira, desanimado. "Vossa Majestade, estou falando sério."

O rosto de Philip tornou-se severo. Ele se inclinou para a frente, apoiando-se em um cotovelo, lançando um olhar fulminante enquanto sussurrava: "Eu também!"

Eu já reuni um exército de Fantasmas, Julin, em Crecy. Traga-os de volta. Traga meus exércitos de volta. Permita que eles vinguem a morte de Edward. Sua pedra pode tecer tal magia?

Julin tentou dar mais explicações. "A Pedra do Portal... é uma espécie de máquina, mas..."

Philip cruzou os braços sobre a mesa e o interrompeu: "E, suponha que você consiga libertar esses seus fantasmas. O que acontecerá então? Como você pedirá a eles que destruam Edward? Diga-me, Julin, como os fantasmas matam? Talvez eles *assustem* Edward até a morte?" Ele bateu com força na porta. Soco na mesa. Julin sobressaltou-se e recostou-se. "Que tolice! Preciso de corpos quentes — homens." Treinado em batalha! Preciso de armas. Preciso de dinheiro. Se eu quisesse *assustar* Eduardo, poderia mandar buscar sua cabeça, junto com um pacote de navios repletos das cabeças de todos os franceses que ele matou!" Os olhos de Filipe eram adagas gélidas e Julin desviou o olhar.

Filipe recompôs-se e recostou-se na cadeira. "Infelizmente, Cardeal, minhas convicções não são tão... como posso dizer ... tão refinadas quanto as suas. Vejo batalhas vencidas com sangue, suor e exércitos bem abastecidos — não por fantasmas. Não vim a Avignon em busca de conselhos, orações, promessas ou histórias de pedras mágicas. Como bem sei, a Santa Sé arrecada impostos tanto da França quanto da Inglaterra. A França precisa desses recursos para sua defesa contínua e eu vim em nome da França — como seu Rei."

"Vossa Majestade, com apenas alguns de seus homens, pelo que presumo—"

"Não, Cardeal; eis o que eu acredito. Acredito que Sua Santidade o incumbiu disso. Acredito que Sua Santidade não deseja me conceder o empréstimo e o enviou para me fazer mais uma promessa — só que, desta vez, um maldito exército de fantasmas." Philip retirou o ovo do dispositivo, recostou-se e começou a descascá-lo. "Informe Clement que seu pequeno stratagem falhou."

Julin saltou da cadeira. "Não! Sua Santidade não me enviou! Ele ignora tudo o que eu lhe disse! E assim deve continuar!"

Filipe ficou paralisado, seus olhos fixos no cardeal trêmulo.

Julin encontrou seu lugar desajeitadamente e curvou a cabeça. "Perdoe-me, Sua Santidade. Eu sou um "Idiota sem cérebro."

Philip voltou a descascar o ovo. "Há mais em você do que até eu suspeitava."

Pense nisso, Julin; concordarei em ceder algumas das minhas tropas à sua causa ridícula se Sua Santidade me conceder um empréstimo equivalente aos impostos arrecadados da França e da Inglaterra. Se Sua Santidade se recusar, então talvez todos venham a descobrir como Sua Santidade esconde isso — essa sua pedra herética.”

“No entanto, Majestade! Não deve falar sobre isso—”

“Não devo receber ordens, Cardeal”, respondeu Filipe resolutamente. Inclinou-se sobre a mesa e sussurrou: “Garantia meu empréstimo e você recebe seus soldados. Esse é o acordo. Agora, preciso descansar.”

“Vossa Majestade—”

“Chega, Julin. Nós nunca conversamos.” Philip se virou e gritou do outro lado do corredor: “Valete, eu sou “Terminado! Guardas, entrem!” Os guardas reapareceram. “Acompanhem o bom Cardeal até a saída! E desocupem meus aposentos! Chega de visitas esta noite!”

“Sim, Vossa Majestade.” Julin levantou-se, fez uma reverência e seguiu os guardas, cabisbaixo, até a porta.

~\*~

No dia seguinte, Filipe e Clemente, acompanhados de seus tabeliães, reuniram-se no Salão do Tesouro. Só então Clemente percebeu que o pedido de empréstimo de Filipe era de uma quantia considerável — substancial o suficiente para atrasar a construção do Palácio Papal. Os rumores se espalharam; sussurros percorreram os corredores. As reuniões não estavam indo bem e a maioria dos funcionários papais já sabia que era melhor deixar o pontífice irado em paz. A maioria também tinha certeza de que Clemente ofereceria a Filipe pouco mais do que uma porção, uma promessa e uma oração. Irritado e com medo, Julin abordou Toussain, que, por sua vez, falou com Blasi com igual preocupação. Se Clemente descobrisse suas intenções, poderia expulsar os três do Colégio, excomungá-los e jogá-los na prisão. Blasi acalmou seus temores e começou a trabalhar, tecendo uma trama que parecia uma tarefa impossível.

Ao meio-dia, Blasi entrou na guarita, aproximou-se de um guarda e sussurrou algo em seu ouvido. O guarda respondeu com vários acenos de cabeça e Blasi lhe entregou uma carta e uma moeda de ouro. “Nem uma palavra a ninguém. Agora estejam preparados, ele está chegando”, ordenou Blasi, estreitando os olhos.

“Sim, Vossa Eminência”, o guarda fez uma reverência enquanto Blasi se afastava rapidamente. Em instantes, chegando de Na Ala das Autoridades, o Cardeal Firmus entrou no Salão da Guarda. Conforme instruído, o guarda aproximou-se de Firmus e entregou-lhe a carta.

“Vossa Eminência”, disse o guarda, curvando-se.

“Sim, o que é?”, resmungou Firmus.

“Encontrei esta folha no pátio. Não parece ser uma ordem de um guarda. Talvez seja importante?”

Firmus leu a carta, franziu os lábios e olhou nos olhos do guarda.

Você sabe ler?

“Não, Vossa Eminência.”

“Então, como você pode ter certeza do que *não* é?” Firmus o interrogou.

O guarda respondeu na defensiva: "Conheço a aparência dessas ordens; quase todas parecem iguais. Esta folha não possui nenhuma marca nobre."

Você mostrou esta folha para alguém?

“Acabei de encontrar. Você é o primeiro a ver.”

“Ótimo, então providenciarei a sua devolução. Não discuta esta folha com ninguém. Você nunca a encontrou. Entendeu o que eu quis dizer, soldado?”

"Eu faço."

“Se eu ficar sabendo disso, convocarei você para prestar esclarecimentos — agora, volte às suas funções.”

“Sim, Vossa Eminência”, o guarda curvou-se e afastou-se. Firmus olhou em volta, com ganância e culpa nos olhos; apertou a carta contra o peito e leu-a novamente:

*Estas são as condições de Sua Majestade: Ele concederá em segredo um décimo do empréstimo ao Cardeal que convencer Sua Santidade a conceder o valor total. Caso o empréstimo seja superior ao pedido inicial, Sua Majestade concorda que o Cardeal terá direito a um décimo de todos os excedentes. Queime esta folha. Não fale com ninguém.*

Firmus vasculhou os corredores em busca de olhares curiosos. Não vendo ninguém, deslizou a carta para debaixo de sua túnica e saiu apressado, sem perceber que Blasi o observava nas sombras à distância.

Dentro de uma hora, Firmus estava na Sala das Quatro Janelas do palácio, convencendo Clemente a conceder um empréstimo ainda maior do que Filipe havia solicitado, sugerindo valores mais altos e mais vantajosos. reembolsos frequentes. A discussão acalorou-se. Raramente Firmus vira Clemente tão zangado. Contudo, Clemente frequentemente recorria aos conselhos de Firmus em assuntos de Estado. Por fim, o Papa concordou, ainda que a contragosto, com as sugestões do Cardeal Firmus.

Naquela noite, o Rei Filipe e o Papa Clemente assinaram os documentos. Da transação, Filipe vislumbrou a cabeça decepada de Eduardo, Firmo se viu no trono papal e Blasi se lembrou dos rostos de seus irmãos mortos. Toussain e Julin se viram como cardeais da França, enquanto Clemente previu mais atrasos na criação de sua gigantesca máquina papal. A transação agradou a todos — todos, exceto Clemente, seus tesoureiros e...

## O camareiro papal.

Na manhã seguinte, o Rei Filipe convocou o Cardeal Julin ao Salão do Conclave. Filipe estava sentado na cadeira reservada para ele, com o Cardeal Firmo já à sua frente, de mãos dadas, quando Julin foi anunciado. Os cardeais trocaram olhares. Ambos estavam curiosos para saber o que o outro pretendia fazer, mas nenhum ousava falar abertamente na presença do outro. “Ah. Cardeal Julin, venha”, Filipe acenou para que ele se aproximasse.

Julin fez uma reverência. “Vossa Majestade.”

Filipe se virou para Firmo. “O senhor estava dizendo, Cardeal Firmo?”

Firmo pigarreou. “Vim ver se Vossa Majestade precisa de alguma coisa.”

“Sua Santidade envia um cardeal para cuidar das necessidades de seus convidados reais? Eu trouxe minha própria equipe de servos. A que mereço tal tratamento especial?” Filipe coçou o queixo.

“Não exatamente, Vossa Majestade.” Firmo pigarreou e lançou um olhar furtivo para Julin.

“Se Vossa Majestade permitir, gostaria de falar com o senhor a sós.”

“De fato. Cardeal Julin, por favor, aguarde aqui fora. Cardeal Firmo, aproxime-se.” Julin fez uma reverência e saiu do salão.

Firmo sussurrou: “Majestade. Fui eu quem garantiu o seu empréstimo. Vim para discutir a compensação.”

Filipe deu uma risadinha. “Vejo que a Igreja não está isenta de corrupção. Muito bem, Cardeal, tenho direito a três barris de vinho na adega do Palácio. Deixarei um com o senhor — diremos que é um presente, é claro.”

Firmo se remexeu. “Não posso aceitar, Vossa Majestade. Se me permite, gostaria de falar sobre o décimo do empréstimo.”

Philip ficou estupefato. “Um décimo? Um décimo do empréstimo — como compensação?”

“O décimo, Vossa Majestade, por convencer Sua Santidade a conceder o empréstimo.”

Filipe franziu a testa. “Pode ficar com o que lhe ofereço, Cardeal. Mesmo isso é mais do que suficiente. Agora, deseja o vinho?”

“Sua Santidade jamais permitirá isso. Majestade, tenho em mãos a folha que descreve os termos do nosso acordo.” Firmo deslizou a página de dentro de sua túnica e Filipe a leu. Ele ergueu a sobrancelha.

“Que absurdo é esse? Quem escreveu isso sobre mim?”

“Vossa Majestade não está ciente disso?”

“Eu não disse nada disso! E quanto à compensação, meu silêncio será o meu compromisso neste assunto!”

Philip enfiou o papel no bolso do colete. “Se você contar a alguém que você ou o Cardeal Julin me procuraram, esperando uma parte do empréstimo para vocês mesmos, eu informarei a Sua autoridade.”

Santidade, vocês dois conspiraram contra ele. Deixem-me em paz antes que eu reconsidere meu silêncio!

“Sim, Vossa Majestade.” Com o semblante sério, Firmus fez uma reverência e saiu da sala. Já do lado de fora, lançou um olhar para Julin, franzindo a testa, antes de escapar apressadamente pelo corredor.

“Tragam o Cardeal Julin aqui dentro”, ordenou o Rei. Os guardas obedeceram.

Philip tirou o papel do colete quando Julin se aproximou e o abanou lentamente entre dois dedos. Ele olhou fixamente para Julin, e Julin olhou fixamente para o papel que ele sabia ser o bilhete de Blasi. Philip deu uma gargalhada estrondosa e guardou a folha de volta no colete.

“Você é muito engenhoso, Julin. Fique tranquilo; está tudo bem”, Philip deu uma risadinha. “Eu apenas o convenci a garantir meu empréstimo — e você fez um ótimo trabalho. Pode esquecer que o coloquei em risco com Sua Santidade.” Ele riu novamente. “Eu sabia que Sua Santidade nunca o enviou. ” Conheço-vos demasiado bem. Ah, e o Cardeal Firmus acredita que também viestes buscar a vossa recompensa. Deixei claro que, se algum de vós confessar algo sobre isso, eu... Compartilhe o assunto com Sua Santidade.”

“Meus mais sinceros agradecimentos, Vossa Majestade.” Julin fez uma reverência, sorrindo.

“Agora, quanto à sua pedra mágica dos Fantasmas, concederei a você meus soldados sob condições rigorosas. Primeiro, Sua Santidade não deve saber nada sobre ela — jamais. Segundo, meus homens estarão a seu serviço apenas por alguns dias.”

“Muito bem, Vossa Majestade”, respondeu Julin.

“Terás o meu Capitão Bourne e os seus homens à tua disposição. Confio nele para assuntos confidenciais. Só ele deve estar a par de tudo. Não fales com os seus homens; ele dará as ordens.”

“Claro, Vossa Majestade.”

“Ele está agora em Avignon e tem duzentos homens. Isso basta, não é?”

Julin balançou a cabeça, “De fato, *não*. São muitos.”

“Gostaria de lembrar-lhe que estamos em guerra com a Inglaterra? Bourne mantém seus soldados unidos, para que suas fileiras não se enfraqueçam com divisões desnecessárias. Confio em seu comando e instintos. Ele é o melhor da minha Guarda Real e não vejo necessidade de incomodá-lo dividindo suas fileiras ou seu comando, mesmo que por um curto período. Portanto, a oferta é de duzentos ou nenhum. Qual é a sua escolha, Cardeal Julin?”

“Duzentos, Vossa Majestade.” Julin suspirou.

O rei arrotou, respirou fundo e recostou-se na cadeira. Por fim, ele simplesmente...

Julin olhou fixamente para o rei antes de estreitar o olhar, demonstrando aparente suspeita. E naquele instante que parecia eterno, Julin baixou a cabeça, quase esperando que o rei reconsiderasse toda a oferta e o dispensasse com raiva. Na ausência de som, e preso em um olhar congelado e voltado para baixo, Julin sentiu a imensidão sempre presente do salão mortalmente silencioso pressioná-lo pesadamente.

sobre seus ombros — o silêncio persistente era ensurdecedor. Uma crescente apreensão queimava seu pescoço e rosto; e ele estava totalmente disposto a fugir do alto salão abobadado de sua própria casa. de acordo, se ele tivesse recebido permissão repentina para fazê-lo.

"Feito", rosnou finalmente o Rei Filipe. "Agora, compartilhe comigo os detalhes: quando e onde o Capitão Bourne irá enfrentá-lo, e o que você exige dele?"

*[Fim do Capítulo 4]*



Esta obra literária foi criada e exclusivamente em dedicação de

## Edgar Allan Poe (1809-1849)

— Que seu legado viva em todos nós —



~[GothicNovel.Org](https://www.gothicnovel.org)~